

## NOTA SOBRE MANUEL SCORZA

O romance de Scorza (1) pode ser entendido como a história de um aprendizado. Poderiam os mestiços do Peru central, já longe das glórias das civilizações pré-colombianas, viver uma épica? Como entender a sua luta, a um tempo ingênua, desesperada, desenganada, esperançosa e fatalista, inabalável no que tem de instintivo, essa obscura consciência de que é preciso preservar os requisitos mínimos da dignidade humana, e aos mesmo tempo vacilante nas certezas, numa marcha indefinida para o desconhecido e num recolhimento cada vez mais profundo para uma verdade interior, para o reencontro do Homem sob a perplexidade dos homens oprimidos? Ao contrário do que se poderia pensar, o romance de Scorza é um *relato*; a mescla de elementos não partiu da imaginação do autor. A quase inacreditável mistura de realidade e mito, de vida e sobrenatural, de fé e revolta, de sonho e história, tudo isto foi recolhido pelo autor numa comunhão viva com a consciência multifacetada dos esquecidos habitantes das altiplanícies do Peru. Entre a raça dos homens litorâneos, que entendem-se a si mesmos como os brancos "civilizadores", que toleram os "índios" e se querem donos das terras e dos homens, que compensam a pobreza de sua própria justificação histórica com a superioridade das armas, da imposição da ignorância e do terror, e o céu indiferente, na imediatidade grandiosa com que aparece sobre as cabeças dos que vivem nos altiplanos a mais de 4 mil metros do nível do mar, estão os mestiços peruanos, como para figurar a distancia em que se encontram de seus ancestrais perdidos num passado morto — e mantido morto — e a sociedade dos brancos tingidos de europeus, na qual não se podem integrar. Um quase inconcebível jogo de avanços e recuos, do medo à ousadia, da alienação à consciência, da altivez à humildade, da derrota à vitória, e novamente à derrota, e novamente à vitória ...: tal é o clima dos dois primeiros livros dos cinco nos quais Scorza pretende narrar a luta dos camponeses peruanos contra os latifundiários que detinham o poder nos altiplanos do Peru central.

A épica espontânea do sofrimento que leva o homem a conhecer-se e a libertar-se: assim poderíamos caracterizar o aprendizado dos homens que se-

- 
- (1) Comentamos aqui os dois primeiros livros dos cinco planejados por Scorza para narrar os episódios das guerras entre os camponeses mestiços do Peru Central e os latifundiários: "Redoble por Rancas", tradução brasileira de Hamilcar de Garcia ("Bom dia para os defuntos"), ed. Civilização Brasileira, 1974; "História de Garabombo, el Invisible", tradução brasileira de Glória Rodrigues ("História de Garabombo, o Invisível"), ed. Civilização Brasileira, 1975.

guem a Héctor Chacón, numa primeira e incipiente tentativa de fazer valer os direitos dos “índios”, como uma suspeita de que têm direito a ingressar nessa categoria branca até então inacessível de “humanidade”. A característica mais chocante dos capítulos iniciais de “Redoble por Rancas” é que a opressão aparece ao mesmo tempo como algo absurdo e natural. Absurdo pelo grau que atinge essa opressão (ilustrada pelos passeios do juiz Montenegro e pelo episódio da moeda) e natural pela maneira como a situação é aceita por opressores e oprimidos. É como se a opressão tivesse penetrado tão fundo no espírito do homem que ele não pode conceber-se dissociado desta condição. E assim surge uma dependência que tende a auto-perpetuar-se: o opressor perde completamente a possibilidade de encontrar a “humanidade” no peão, e este perde também a possibilidade de encontrar-se fora da condição de oprimido. Uma determinada modalidade de relação entre os homens, geográfica e historicamente determinada, está assim prestes a tornar-se algo constitutivo da natureza humana. E é por isto também que os primeiros ensaios de tomada de consciência estão em continuidade com a alienação anterior: as atitudes daqueles que tentam reconhecer-se como *homens* se inscrevem na mesma linha do antigo relacionamento com os “senhores”; a revolta só poderá delinear-se quando houver ruptura na conduta do oprimido, e quando o opressor for caracterizado como tal, com a conotação injusta que sua situação carrega. Algumas consciências privilegiadas parecem atingir este ponto. Héctor Chacón prega a rebelião, porém não contra a usurpação de direitos fundamentais, e sim contra a encarnação da arbitrariedade: o juiz Montenegro. É mais uma vingança do que uma revolta. Não que a conduta de Chacón seja motivada apenas por questões pessoais: a consciência do índio ou do mestiço, no livro de Scorza, nunca é individual; ela é na medida em que *participa* dos sofrimentos e das aspirações da comunidade. Por isto um líder não pode nascer naturalmente, ninguém pode destacar-se e erguer-se acima dos demais a não ser através de algum poder sobrenatural (Garabombo, por exemplo). Portanto não há diferença entre a vingança de Chacón e a vingança da comunidade: esta é a espécie de preciência que faz com que o grupo não ponha jamais em dúvida a coincidência entre o interesse de Chacón e os interesses de todos. Esta vingança nem mesmo nasce do ressentimento, ela provém do desespero: não se trata de fazer justiça (os camponeses não têm idéia de uma justiça que pairasse acima de todos os homens) mas de efetuar uma troca. O juiz Montenegro, “mais poderoso que Deus”, deve morrer não porque é injusto ou nem mesmo porque é o preposto de uma classe opressora, mas porque não conhece o perdão, o que faz com que suas arbitrariedades sejam ações mais inapeláveis do que as de Deus. A morte de Montenegro custará a morte de alguns homens — o inocente Remígio entre eles, — custará anos de prisão para outros — e ainda assim a troca é considerada vantajosa, porque os oprimidos não podem conceber a violência deles como justa, eles a concebem segundo o modelo da única violência que conhecem, a do opressor, e neste sentido o assassinato do juiz é um pecado que, embora necessário, deve ter o seu castigo, como todo pecado.

A causa disto é que a injustiça se confundiu com a realidade, e os camponeses foram reduzidos à emissão intermitente de respostas para sobreviver. Tais respostas se caracterizam pela reclamação: os camponeses reclamam o que lhes é devido; não se sentem donos das terras de seus antepassados, nem mesmo quando exibem os títulos de propriedade do século XVIII. Quem nada possui está reduzido a pedir, cada esmola transforma-se numa vitória. Quando sentem que sua sobrevivência está ameaçada, dirigem-se aos organismos oficiais e encaminham uma reclamação. O fato de já saberem que os interesses dos donos das terras é que controlam esses organismos ainda não é suficiente para que abandonem a atitude reivindicatória, uma vez que também eles não se sentem plenamente com a justiça. Essa situação só não persiste indefinidamente porque o opressor não se limita à acomodação: ele faz com a opressão se acentue, até à completa anulação do oprimido, que é colocado em situação inferior aos animais. Neste limite a reivindicação se transforma em revolta; até aqui a revolta permeava os pedidos e as reclamações; quando até mesmo as condições mínimas de sobrevivência imediata são ameaçadas, então a atitude passa a ser de revolta, nascida do desespero, quase como o animal encurralado que não tem outro remédio senão voltar-se e lutar. De modo que, neste aprendizado pelo sofrimento, os opressores foram os maiores mestres dos oprimidos; foram eles que, involuntariamente, ensinaram que de nada adianta reclamar, encaminhar petições, pedir o que deveriam possuir. E assim o oprimido é levado a ver no opressor o Outro que se encontra a uma distância insuperável, que nenhum acordo poderá vencer, que nenhum papel logrará jamais transpor. E vê também que só há uma maneira de vencer a distância: é ele próprio, o oprimido, transpô-la. Aprende, então, a rebelar-se.

\* \* \*

A opressão deixa sua marca: nos corpos, nos espíritos, nos hábitos de subserviência, na eterna perplexidade de homens distanciados de si mesmos; toda a vida dos camponeses se desenvolve numa penosa trajetória através da densidade da opressão. Por isto a consciência política se formará lentamente e de maneira singular: não por meio de lições aprendidas, as quais se fariam ilustrar pelas condições concretas de vida; não por meio de uma "objetivação" da injustiça que rege a vida social; mas através dos meandros para nós incompreensíveis da dilaceração do homem que se desconhece e que um dia VÊ que se desconhece, do sentimento confuso da sua diferença, por entre as representações de um universo mítico. E tudo isto nunca será superado; a politização não chegará a apagar a representação dos valores para nós excêntricos pelos quais as personagens pautarão quase sempre suas condutas. É esta falta de distanciamento de uma fantasia coletiva que faz com que o reconhecimento pleno da condição de oprimido passe pelas mediações confusas de aspectos religiosos, morais e míticos; que faz com que a revolta somente apareça quando a sobrevivência imediata é ameaçada; e que faz também com que a própria

imagem da opressão aparece muitas vezes travestida estranhamente, criando um clima paradoxal, em que homens praticamente levados à morte por um poder opressor, que pesa sobre eles cotidianamente e numa proximidade arrasadora, vejam nas formas concretas que a opressão assume um fantasma, uma entidade mítica, um monstro, numa mescla confusa da projeção do imaginário com a marca factual da presença do opressor.

É isto o que acontece com a Cerca. A Cerro de Pasco Corp., resolve apropriar-se de vastas extensões de pastagens, cercando-as e impedindo os camponeses de alimentas suas ovelhas. A Cerca aparece como monstro devorador de pastos, engolidor de lagos, submetendo montanhas e planaltos, separando aldeias, interrompendo caminhos, alongando distâncias. Perplexos, os camponeses interrogam-se, maldizem, rezam, invocam o castigo por pecados cometidos, temem o fim do mundo antes de aventarem a hipótese de que a Companhia estaria cercando as pastagens. Mesmo quando este fato se coloca, ele passa a existir *ao lado* da representação mítica, propiciando a mesma desordem nas reações dos camponeses diante da ameaça. “A Cerca é obra do diabo/A Cerca é obra dos americanos”: as duas alternativas como que representam uma só coisa. Durante longo período, a fome das ovelhas, a necessidade de longas caminhadas para ir de uma aldeia à outra, o corte das comunicações entre as comunidades, aparece ou como algo inexplicável ou como castigo de Deus. A denúncia do abuso da Cerro de Pasco vem envolta em cinismo e incredulidade, mesmo porque para a simplicidade dos camponeses, o poder da companhia americana quase iguala ao de Deus. É o mesmo uso quase ilimitado da força, o mesmo distanciamento, a mesma invisibilidade. Por isto, quando se patenteia que a “cerca é obra dos americanos”, combatê-la significa lutar contra um inimigo sobrehumano. Os camponeses entregam-se a uma luta desesperada contra as milícias armadas da Companhia e, diante da superioridade inapelável, desistem. Quase todos desistem. A obstinação de Fortunato, que todas as noites volta para ser espancado também se inscreve no esquema de sobrenaturalização do Poder; ele luta como quem se oferece em sacrifício, sabendo que não tem nenhuma oportunidade, que nada pode provar. Suicídio ou sacrifício, fanatismo ou coragem, a atitude de Fortunato só pode ser compreendida mediante a incrível mescla de que se compõe a consciência do camponês. O episódio da Cerca é estratégico para se compreender a passagem da atitude reivindicatória à atitude de revolta. Há uma etapa, anterior às lutas com as milícias da Companhia, em que os camponeses tentam encaminhar, através dos organismos oficiais, suas reclamações às autoridades. Esbarram logo com o fantástico conluio, e aprendem com quem está o poder. As autoridades não sabem da existência da Cerca; os camponeses a sentem, nos quilômetros e quilômetros de pastagens isoladas, mas os subprefeitos, os inspetores, os secretários não a vêem. Mais ainda, os camponeses são ameaçados com a prisão, quando levam os animais mortos para a frente da prefeitura de Cerro. Este fato tem extraordinária importância, por ser uma etapa decisiva no aprendizado

dos camponeses: eles aprendem que a justiça é algo que se deve temer; há que se proteger contra a justiça. Reclamar contra abusos do poder não só é inútil como pode resultar em represálias. Chega-se então a um ponto limite, em que o desenvolvimento da opressão como que gera a revolta: a opressão vinha gerando a opressão, desde os fantásticos homens-toupeiras, grupos enormes de famílias que viviam (literalmente: viviam) nas galerias subterrâneas das minas da Companhia, onde existiam crianças para quem a luz do sol era tema de histórias dos mais velhos, até o isolamento do mundo pela Cerca. Chegou-se ao ponto em que o oprimido está totalmente anulado, nas suas palavras e nos seus gestos, e, para sobreviver, não tem outra escolha senão tentar romper a relação, e sair de sua condição de oprimido.

Assim delinea-se a nova visão que o oprimido passa a ter dos senhores e, conseqüentemente, da autoridade. O misto de temor e respeito dissolve-se quando os camponeses passam a dar ouvidos a Garabombo, que encarna o medo e a sagacidade, como Chacón encarnava o medo e o ódio.

“Pela cadeia passam os melhores homens do Peru. (...) Tomara que todos fôssemos para a cadeia para abrir nosso pensamento!” Estas palavras, que Garabombo dirige aos fazendeiros que zombam dos títulos de propriedade que os camponeses exibem para provar que as fazendas usurpavam terras das comunidades, muda o rumo de suas vidas. Até aqui eles haviam apenas permeado de revolta e violência as reivindicações, por que acreditavam que, dentre as inúmeras petições apresentadas, alguma haveria de surtir efeito, e consideravam a desatenção das autoridades mais como um acidente contumaz do que como algo inscrito na dinâmica do Poder. Agora percebem que seus velhos papéis nada valem contra a violência dos latifundiários e cessam de fazer distinção entre o poder destes homens e o longínquo poder do governo. Entrementes, porém, algo se passou, algo que marcou a etapa trágica do aprendizado: o massacre de Rancas. Centenas de pessoas foram mortas pelas tropas do governo, enviadas para restabelecer a ordem no altiplano. É neste momento do livro que Scorza realiza uma montagem de episódios cuja riqueza é absolutamente impossível descrever. As repúblicas latinoamericanas, pobres de tradição em todos os sentidos, se comparadas às nações européias, forjam com os medíocres episódios de sua história um sucedâneo de tradição, que é imposto como algo capaz de despertar o ardor patriótico. As guerras que o Peru manteve com seus vizinhos entram neste tipo de esquema: guerras em que cidades eram tomadas por meia dúzia de soldados, exércitos vencidos sem baixas, retiradas triunfais, etc. Essas são as guerras “oficiais” que figuram nos compêndios de História, para enaltecer a consciência patriótica dos peruanos. Mas existem outras guerras, de que não se fala: não são guerras, são “desalojamentos”; são operações militares efetuadas para expulsar camponeses que “usurparam” terras. Os números dessas guerras são bem mais impressionantes: milhares e milhares de mortos, muito mais do que em

todas as guerras externas. A descrição do massacre de Rancas está entremeadada, no livro de Scorza, com a evocação das "glórias" das guerras externas como para mostrar que a verdadeira, a mais cruel das guerras não foi nenhuma daquelas travadas por questões de fronteira ou de orgulho nacional, mas sim aquela que se desenvolveu no próprio país e que visava a manutenção dos privilégios de uma casta. (2).

E é exatamente um desses combates que está para começar, quando Garabombo procura explicar aos camponeses que a ocupação de suas terras pelos fazendeiros não constitui nenhum equívoco capaz de ser resolvido na justiça, mas sim uma usurpação deliberada dos direitos das comunidades. A própria anulação dos títulos expedidos no século XVIII, fato com que argumentam os fazendeiros para mostrar aos camponeses que não lutam por uma causa justa, se inscreve nesta linha de usurpação de direitos. E o fato de que tal anulação tenha sido um ato do governo somente mostra ainda mais claramente a coincidência de interesses entre os latifundiários e o poder constituído. Há somente um Poder, e ele se confunde com a opressão. Por isto não há para quem apelar. Não há tribunais, prefeituras, inspetorias, governos de província: todos estes organismos constituem partes de um esquema direta ou indiretamente opressor. (Vide o episódio do advogado da capital que extorque dinheiro aos camponeses e ao mesmo tempo colabora com os fazendeiros).

E assim, pouco a pouco, os camponeses se convencem que não há outra alternativa senão lutar. É importante considerar *de que maneira* chegam a isso. Eles não têm condições mínimas de receber uma doutrinação política. O universo em que vivem é totalmente opaco a uma penetração "ideológica". Como diz Scorza, os camponeses não se sentiram oprimidos depois que sintonizaram emissões da rádio de Havana, ou depois de receberem qualquer tipo de propaganda política. A condição de oprimidos como que lhes subiu dos corpos às mentes. A própria sobrevivência constantemente ameaçada, a vivência cotidiana das arbitrariedades dos fazendeiros e seus prepostos, a demonstração ostensiva, por parte dos brancos, da condição inferior à de animais que eles conferiam aos mestiços, isto somado ao contato intermitente com o mundo fora do altiplano, o que ocorria por ocasião das prisões (Chacón e Garabombo, por exemplo) ou no serviço militar (no Peru, os índios eram os únicos submetidos à obrigatoriedade do serviço militar), fez com que os camponeses forjassem uma imagem singular de sua situação. Tomaram

---

(2) Eis os dados que o autor fornece e que são absolutamente autênticos: Guerra contra os índios Atusparia: mil mortos; guerra contra os índios de Huancané: quatro mil mortos; em 1924 foram encarcerados e queimados vivos os trezentos habitantes da aldeia de Chaulán; em 1932 foram fuzilados mil pessoas em Trujillo; de 1956 a 1960, cinquenta mortos em operações diversas. ("Bom dia para os defuntos", pg. 224).

consciência de si mesmos como homens sem passar pela mediação das categorias de igualdade, justiça social, etc... É claro que Garabombo e alguns outros aproximam-se do que chamaríamos de "politizados". Mas a liderança de Garabombo não se deve à sua consciência mais esclarecida, e sim à sua coragem e à sua pretensa invisibilidade, de que ele dá constantes provas, como meio de assegurar a unidade dos camponeses. É portanto o seu valor julgado segundo os critérios próprios dos camponeses, e algo como um poder sobrenatural que asseguram a influência que Garabombo mantém sobre seus companheiros, e sua liderança precisa ser sempre reafirmada, pois constantemente surgem os recalitrantes, os conformados, os traidores, cuja voz pode ser ouvida tanto quanto a de Garabombo, e aos quais ele precisa refutar para garantir a continuidade do movimento. Elementos extremamente heterogêneos convivem, pois, na representação coletiva que os camponeses têm da condição em que vivem, e da aventura que vão iniciar.

Mesmo depois da primeira vitória, quando são tomadas as terras pelas comunidades organizadas sob a liderança de Garabombo, permanece ainda a mesma mescla confusa da consciência aberta para a compreensão dos direitos humanos e da perplexidade natural em homens que, por um momento, são livres sem o saberem. Permanecem ainda, como sempre, à beira do recuo, entre a coragem recém conquistada e o medo antigo, entre as rudes exclamações de Garabombo e as jeitosas advertências do subprefeito Valério (que apela para que desocupem as terras, prometendo em troca a ausência de represálias). Enfim, no massacre final, ainda a mesma perplexidade, pouco diferente daquela que experimentaram os habitantes de Rancas, quando, diante das armas apontadas, ainda tentavam conter os mais afoitos, argumentando que os soldados existem para defender os peruanos, não para matá-los. Apenas no fim, quando os "homens de fibra" reunidos no "bosque de pedra" tramam a reorganização dos camponeses, é que o tom principia a mudar. Dois massacres no prazo de dezoito meses endureceram os corações e tornaram ágeis as mentes. Táticas são discutidas e um novo movimento está para se iniciar. Não mais uma aventura: uma subversão. Já aprenderam que têm que se revoltar. Agora aprenderão *como* fazê-lo.

O grande mérito do romance está talvez no fato de Scorza não procurar analisar a conduta dos camponeses à luz de critérios próprios de um intelectual politizado. O que ele procura fazer é *relatar* as ações e os pensamentos das personagens como que de dentro delas. Esta é a originalidade do livro. Scorza não personifica no autor a consciência exterior e reflexiva, que dimensiona os acontecimentos e lhes confere uma significação. Os pensamentos, as palavras e os atos das personagens têm o significado que devem possuir para os próprios camponeses, com aquela angústia presente na grandeza ingênua, em homens que não conseguem compreender e avaliar toda a extensão dos seus sonhos e de suas ações. Por isto, o que o livro retrata não são grupos que se

organizam para lutar pela instauração de uma ordem nova e mais justa, que cumprem um programa de ação política e revolucionária, e pautam suas condutas pelas exigências inerentes a tal situação. O que vemos no livro é o entrecruzar de sonhos, desespero, medo, coragem, ingenuidade, euforia, confiança, fé, ódio e amor. No labirinto desses sentimentos é que podemos tentar acompanhar o desenrolar complexo da epopéia que nos é contada. Se quisermos extrair do livro o peso das superstições, dos rituais, das crenças, das peculiaridades subjetivas, então nada restará. E talvez a grande lição seja esta: que a vida política, a conduta revolucionária, é antes de mais nada a vida de homens e a conduta de homens, comprometidos antes de tudo consigo próprios, isto é, com os desejos, as aspirações e os anseios naquele estágio em que ainda são a matéria bruta contida dentro de cada um, ou despejada aos borbulhões naquela mescla indescritível com que saem da desordem interior do homem perplexo consigo próprio e com o mundo. Até que ponto aqueles homens deveriam — ou poderiam — dar as costas aos valores congênitos de sua raça? Até que ponto deveriam aprender a pautar suas vidas pelos ditames da eficiência política ou revolucionária? A questão, ociosa quando vinculada diretamente ao livro de Scorza, onde salta à vista o caráter descabido de tais argumentos em relação àquelas personagens, coloca-se quando se é levado a pensar, num horizonte mais amplo, a compatibilidade entre a ação política e os valores estranhados na condição humana.

Franklin Leopoldo e Silva